

AS EXPERIÊNCIAS DE CLASSE E A FORMAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA: TRAJETÓRIAS TEÓRICAS DE EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS

Custódio Jovêncio Barbosa Filho¹

RESUMO: Este estudo compõe um dos capítulos da tese de doutorado defendida no PPGE/FAE/UFMG em março de 2017 com o título “Limites e possibilidades sobre os processos de consciência de classe, de sujeitos em formação, no/pelo trabalho associado”. A centralidade objetiva da tese buscou analisar como o trabalho livre associado na perspectiva da Economia Popular Solidária pode, nos espaços de deliberações, proporcionar elementos para o processo de consciência da classe trabalhadora. Na especificidade deste fragmento, nos detivemos em refletir como as experiências de classe, no desenvolvimento da história das lutas da classe trabalhadora, em especial na Inglaterra, passou a desencadear um movimento de formação de classe dos trabalhadores ingleses, no que tange ao pertencimento a essa classe de trabalhadores que possuíam apenas sua força de trabalho para trocar com os possuidores dos meios de produção. Para o desenvolvimento desse estudo, utilizamos uma revisão bibliográfica como base teórica, a partir das análises feitas por Marx, Engels, Thompson, Gramsci, Lukács e pudemos perceber que na história de formação da classe trabalhadora, ocorreram muitos avanços e retrocessos por parte dos envolvidos nos movimentos de lutas por reconhecimento de que é a classe trabalhadora que produz as riquezas das nações.

Palavras- chave: Experiências de classe, formação de classe, classe trabalhadora.

INTRODUÇÃO

A formação clássica da classe trabalhadora advinda dos movimentos ingleses, em certa medida, se distancia da que está sendo acessada pelos estudantes para o ingresso no mercado de trabalho. Isto porque a lógica tem sido, primeiro a formação propedêutica para depois a formação na prática da realidade vivida no mundo do trabalho. Este aspecto formativo tem tirado os adolescentes e jovens de leitura e práticas que os poderiam pensar sobre sua realidade como filhos da classe trabalhadora.

Na contramão desta perspectiva, Thompson (1981) considerava o processo formativo pela experiência um elemento essencial para que a classe trabalhadora e os seus pudessem se considerar como autores de sua própria história formativa. Para ele o conceito de experiência é tão relevante que desenvolve um estudo criticando duramente as análises althusserianas

¹ Docente na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Ubá, Minas Gerais, Brasil - custodio.barbosa@uemg.br

feitas sobre o marxismo e em especial ao materialismo histórico e dialético de Marx. Para Thompson, Althusser, em seus escritos estruturalistas, sobre o pensamento de Marx, não considerou a categoria experiência como sendo um conceito chave no processo formativo dos sujeitos sociais, pois para ele:

Toda educação que faz jus a esse nome [educação liberal] envolve a relação de mutualidade, uma dialética, e nenhum educador que se preze pensa no material e seu dispor como uma turma de passivos recipientes de educação. Mas, na educação liberal de adultos, nenhum mestre provavelmente sobreviverá a uma aula – e nenhuma turma provavelmente continuará no curso com ele – se ele pensar, erradamente, que a turma desempenha um papel passivo. (THOMPSON, 2002, p. 13)

Durante muito tempo na história da educação brasileira o sentido da formação foi sempre entre dois pontos de partida, um para atender as demandas da indústria, ou seja, formação técnica advinda dos filhos da classe trabalhadora e outros que eram formados sob a lógica de gerir os subalternos. Entretanto, esta dicotomia formativa não era exercida na sua totalidade, pois a subjetividade formativa e a temporalidade e espacialidade da formação tanto nas escolas quanto na fábrica, se revelava sob a máxima da dialética hegeliana.

A experiência que os sujeitos em formação possuíam a partir das vivências em outros espaços que não somente na fábrica e nas escolas de formação técnica, fazia nascer sujeitos que não tinham a simplicidade que os donos do poder gostaria de ter para os seus empregados subordinados a relação capital trabalho.

Nesse sentido, considerar a potência de que os indivíduos trazem consigo, suas experiências de vida na perspectiva da tradição e das culturas que os envolvem nos remete a corroborar com Thompson (2002, p. 13) de que,

A experiência modifica, às vezes de maneira sutil às vezes mais radicalmente, todo o processo educacional; influencia os métodos de ensino, a seleção e o aperfeiçoamento dos mestres, currículo, podendo até mesmo revelar pontos fracos ou omissões nas disciplinas acadêmicas tradicionais e levar à elaboração de novas áreas de estudo.

A experiência passa a ser um potencializador das capacidades formativas dos indivíduos que ao desvelar sua sutilidade e/ou radicalidade avança para que, os mesmos, na busca do processo em que a arqueologia do saber, assim como destacada por Foucault, passa a ter uma maior efetividade ao fazer reflexões entre a teoria e a prática e/ou prática e teoria das relações em sociedade.

Para se compreender enquanto classe requer, de certa forma, vivenciar processos formativos, que vão para além de apenas se compreender como pertencentes a uma classe e

não a outra. Thompson (2011) em suas caminharas pelos percursos históricos que faz sobre a formação da classe operária inglesa nos dá subsídio, para compreender como os sujeitos da classe trabalhadora conseguirão, no momento de busca por sua condição de classe, se identificar conscientemente como sendo pertencentes a uma classe específica.

Neste percurso é que buscamos elucidar como as experiências de classe podem proporcionar um entendimento mais claro sobre o processo de formação da classe trabalhadora como processos de formação humana, tendo como princípio a mesma observação feita por Gramsci (1989) no qual irá situar o trabalho como princípio educativo.

Gramsci é considerado por muitos pesquisadores como um dos autores que tratou da emancipação humana independente dos avanços científicos da época, especialmente no que diz respeito à participação dos intelectuais. Seu posicionamento sobre emancipação está relacionado ao conceito de hegemonia na sociedade. O contexto no qual Gramsci discute a educação é aquele em que os próprios grupos dominantes defendem a democratização da escola pública, laica, única, tendo o trabalho como questão central, diferentemente de como Marx tratava esta questão em sua época. Conforme dito por Marx (2012, p.2): o trabalho é – compreendido como direção moral e direção política de uma classe quando toma o poder (ou não) sobre as classes concorrentes e aliadas.

Em seu posicionamento Gramsci (1989) faz muitas perguntas sobre o que é o homem e a natureza humana em uma clara referência a Marx, mas com discordâncias sobre as estratégias a serem usadas na transformação da sociedade. Por isso, sua proposta de hegemonia considera ser necessária uma mudança de pensamento intelectual e moral da população. Ele reconhece todos os saberes e diz que todas as classes sociais têm seus intelectuais, uns sendo profissionais, outros inclusos nesta categoria apenas por participarem de determinada visão de mundo. Segundo Gramsci eles têm como tarefa a constituição de uma nova hegemonia que reconheça todas as forças presentes na vida em sociedade. Assim a escola e a formação no âmbito do trabalho são lugares privilegiados para construir essa nova realidade.

Essa referência apesar de trazer certa singularidade de ideias no que tange a formação emancipatória dos sujeitos históricos, tem suas bases nas exposições elaboradas por Marx ao situar que o trabalho pode ou mesmo tempo formar e/ou deformar o trabalhador de sua condição humana.

Faremos neste texto um percurso das possibilidades que a classe trabalhadora pode desencadear ao se reconhecer como também sujeito coletivo histórico que tende por este reconhecimento modificar paradigmas existentes desde os primórdios da consolidação do

capitalismo na Europa através do acúmulo primitivo do capital desenvolvido pela alta e média burguesia.

Neste trajeto, a questão central de reflexões emergem a partir do reconhecimento, diante do itinerário histórico, enquanto classe trabalhadora, que se explicitam conscientemente diante dos movimentos de lutas e resistências contra a estrutura mental hegemônica que tenta forjar um pensamento de classe e não considerava as questões existentes na gramática do indivíduo, quer seja pela: subjetividade, suporte, identidade. (MARTTUCCELLI, 2007)

AO IDENTIFICAR COMO SENDO DA CLASSE TRABALHADORA, QUE POSIÇÃO DEVE SER DEFENDIDA DIANTE DAS IDEOLOGIAS EXISTENTES?

Ser de uma classe, passa pelo processo de reconhecimento consciente de que pertence a este movimento que traz consigo aspectos ideológicos diferentes de outras classes. Com isso, constrói uma nova cultura, por meio de reformas teóricas intelectuais e morais pela ação no momento em que está vivenciando os tempos e espaços da vida. Estes se realizam na prática política que é um — “terreno para um ulterior desenvolvimento da vontade coletiva nacional popular, no sentido da realização de uma forma superior e total de civilização”. (GRAMSCI, 1989, p. 8-9).

Gramsci concebe a ideologia não como ilusão, falsa consciência ou aparência, mas como uma —concepção de mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas. (GRAMSCI, 1978, p.16). A ideologia tem, portanto, um peso decisivo na organização da vida social, pois se realiza concreta e historicamente, resultado do movimento da estrutura social experienciado no percurso da história humana.

A manifestação ideológica passa a produzir concepções de mundo por meio das aproximações que cada indivíduo, grupos ou mesmo classes sociais criam e recriam na dinâmica para que a vida ganha sentido e condições materiais de pensar outras possibilidades diante das existentes.

Os caminhos trilhados pela classe trabalhadora por meio das experiências vivenciadas tendem a projetar novas estratégias de lutas de classes o que tencionará a existência da hegemonia ideológica burguesa de produção cultural, levando a ressignificação dos trabalhadores também como forma de resistência.

Com a resignificação de elementos culturais, entende-se como possibilidade proporcionar o avanço de novas visões de mundo em que o processo crítico e de descobertas originais, a difusão e socialização de verdades já desvendadas tornar-se-á a base do agir das classes que são subjugadas pelas classes dominantes.

Derrotar as hegemonias das estruturas ideológicas da classe burguesa, enquanto reforma intelectual e moral, contribuirá para que os sujeitos sociais sejam capazes de pensar coerentemente e de modo unitário, o todo real, tornando a nova cultura e/ou a resignificação cultural como patrimônio de todos. Para Gramsci (1978, p. 14) —este é um fato filosófico bem mais importante e original do que a descoberta por parte de um gênio filosófico, de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais.

O percurso que Gramsci faz para compreender as lutas de classes se coloca nas reflexões que enfatiza sobre a problemática da passagem das classes subalternas à posição hegemônica, não se faz apenas no território econômico, mas que está vinculado à necessidade de um novo projeto cultural que seja capaz de propiciar a elaboração de uma concepção de mundo própria das classes subalternas, produzindo assim, a emancipação desta que viveu sob o domínio ideológico das classes dominantes.

Em Marx, a materialidade do processo histórico se deu a partir dos escritos propostos no texto da —A ideologia alemã, neste texto ele faz um percurso de como as classes foram sendo subjugadas e as formas de resistências que estas mesmas classes passaram a desenvolver para romper com a cultura hegemônica. Com isso, Marx destaca que (2007, p. 237) —os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias [...], mas os homens reais e ativos, tais como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas. Estas condições passam a ser enfatizadas no momento em que cada sujeito social irá vivenciar na labuta diária do trabalho o processo de negação da homogeneidade de pensamento.

Sob o aspecto da representação Perissinotto (2007, p. 85) com base em Marx a partir da leitura do texto – 18 de Brumário de Luís Bonaparte apresenta três formas básicas da representação de classe: a) representação simbólica de classe, representação subjetiva de classe e representação objetiva de classe.

Para Perissinotto (2007, p. 85) – a – representação simbólica de classe aparece quando Marx se dedica a pensar a – afinidade simbólica existente entre a visão de mundo dos representantes políticos e literários da burguesia e da pequena burguesia e os interesses dessas classes. Sob esta representação a classe é entendida como – portadora de uma visão de mundo

que, na sua essência, contribui para reproduzir a ordem social ou para vocalizar na arena política interesses de classe, ainda que não apresentados explicitamente como tais. (85)

Já a – representação subjetiva de classe, tende a focalizar as classes que se fazem presentes na cena política, direta ou indiretamente, como atores políticos buscam atender as necessidades das classes a qual representa de maneira consciente. Na – representação objetiva de classe tudo se faz para que as classes sejam de fato representadas com foco no atendimento às demandas de cada sujeito componente da classe.

Apesar de Perissinotto (2007) questionar a possibilidade de se trabalhar sobre as representações subjetivas de classe, diremos, pois que para Marx e posteriormente Thompson isto é possível no momento em que as experiências de classe se intensificam e no movimento que cada sujeito social executa para romper com a lógica hegemônica da ideologia burguesa, há novas formas de visões de mundo.

Estas podem desvelar que as representações não são mais feitas por grupos, mas encontram-se como base de sustentação no processo que estes sujeitos irão produzir na dinâmica da consciência de classe. Porém, a condição de consciência de classe mesmo que vivenciado no movimento de representação subjetiva de classe, somente pode ocorrer a partir da autolibertação, na sua própria ação enquanto sujeito revolucionário, na sua própria práxis enquanto autor de sua libertação, em que ocorre a emancipação objetiva e subjetiva do homem, ocorre ainda destruição da opressão enquanto estrutura, e a transformação da consciência, das ideias das representações e das ideologias. É no processo de auto emancipação revolucionária que se ocorre a autoeducação da classe revolucionária, através de sua própria experiência prática. (LOWY, 2002).

Estas referências são os elementos essenciais em que no itinerário das experiências da classe trabalhadora o processo formativo irá trabalhando no sentido de formação de classe, nas diversas dimensões que compõem a vida humana social.

Por outro lado, na medida em que o homem toma consciência da necessidade de estabelecer relações como os indivíduos que o cercam, isto pode marcar, para ele, um processo de tomada de consciência de que vive efetivamente em sociedade e que de certa maneira precisa pensar não apenas de sua individualidade, mas sob os aspectos coletivos da vida que vive nesta sociedade a qual está inserida.

Diante desse reconhecimento, Marx (2009) destaca que este sujeito social passa a ter uma forma de consciência que determina sua distinção com relação a outros animais, pelo simples fato de seu instinto tornar-se consciente de si e consciente do outro. Mas, o elemento chave determinante da constituição da consciência humana é o trabalho, pois ao contrário do

que acontece com o trabalho animal, o produto do trabalho humano antes mesmo de sua materialidade, já consta, no planejamento da criação humana do trabalhador.

Corroboramos com a ideias explicitadas por Iasi (2011) ao nos chamar a atenção de que a questão de fundo no processo de consciência de classe é a transição de um modo de produção para outro. Entretanto, a questão central desta tese tomou como epicentro a ideia de que o projeto de sociedade deve refletir sobre outros mecanismos que não apenas a criação e/ou transição de um para outro modelo econômico, mas a possibilidade de projetar a liberdade e a emancipação sob a lógica de atender as necessidades coletivas de acordo com o projeto que a classe trabalhadora tenderá a defender sobre os princípios de um projeto coletivo de sociedade.

Esse projeto, ainda não se encontra completamente definido, nem pelas literaturas utilizadas como base teórica neste estudo, pois requererá dos sujeitos históricos e sociais que compõem a classe trabalhadora alcançar de acordo com Iasi (2011) um novo patamar de consciência humana, que ultrapasse do patamar que outrora vivenciaram.

As literaturas utilizadas neste estudo enfatizam a consciência de classe sob os aspectos da criação de um novo modelo econômico que defenda os projetos coletivos de sociedade e rompa com as mazelas produzidas pelo atual sistema de produção, por meio da cooperação mútua, pela solidariedade e principalmente a partir de uma consciência de classe em que os trabalhadores ao lançarem-se como vanguardistas desse processo, possam intensificar o princípio da liberdade e da emancipação humana.

Diante desta possibilidade, a revolução que chamamos a atenção, não está pautada apenas na criação um novo modelo econômico em detrimento a outros, mas, uma condição de mudança, fazendo dos sujeitos sociais, em especial a classe trabalhadora, serem ressignificados sob a ótica de um novo patamar de consciência humana, para que estes possam fazer dos projetos coletivos, não apenas uma singularidade, mas, em uma diversidade de projetos, de acordo com as necessidades da classe trabalhadora, levando em consideração, todas as relações temporais e espaciais existentes.

CLASSE PROLETÁRIA COMO CONSTRUTOR DE NOVOS PARADIGMAS COLETIVOS DO TRABALHO

Na perspectiva das relações com o trabalho, os indivíduos tende a produzir relações determinadas o que ultrapassa sua própria condição de produção, e pode vir a constituir em uma estrutura econômica da sociedade determinada ou não pelo trabalho consciente

amalgamando por experiências do passado que materializou novas possibilidades nas relações humanas.

Com isso, o modo de produção da vida material condiciona o processo social político, econômico, cultural e intelectual. Diante disso, pode-se inferir que não é a consciência dos homens que determina, o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. Marx (2009) enfatiza que a determinação social da consciência, ressalta sua força atuante dos trabalhadores sobre a realidade, no sentido de transformá-la no que consideram ser mais adequado a sua vida e experiências vivenciadas na sua formação individual e coletiva.

Quando se elaboram elementos para pensar a consciência do ser coletivo e social é neste momento que se compreende que a consciência de classe passa a ser determinada por forças estruturais com base nas dimensões que compõem a vida humana e por elementos conjunturais por meio dos projetos em andamento e mesmo por contextos históricos atuais. Nesse sentido, podem-se enfatizar processos de organização das classes ditas como subalternas que elevam a consciência de que são sujeitos coletivos, o que para Sader (1988, p.55) é nas — “coletividades onde se elabora uma identidade e se organizam práticas através das quais seus membros pretendem defender interesses e expressar suas vontades, constituindo-se nessas lutas”. (SADER, 1988, p. 55)

Com Gramsci (1980), o proletariado pode na possibilidade de a revolução tornar-se a classe dirigente e dominante na medida em que consegue criar um sistema de aliança de classes entre os trabalhadores assalariados e os camponeses, que lhe permita mobilizar, contra o capitalismo e o Estado burguês, a maioria da população trabalhadora. Entretanto, para se constituir como classe hegemônica os trabalhadores precisam segundo Gramsci abandonar os modos de pensar corporativistas e os interesses imediatistas e particularistas ainda existentes no processo de produção humana, pois somente a partir dessa superação é que se desenvolve o processo de formação de uma consciência, no contexto da consciência de classe, que se manifesta na prática política e na realização do trabalho na perspectiva da ajuda mútua e do trabalho associado.

Ainda em Gramsci (1980) pode-se compreender que o processo de formação de consciência de classe se desenvolve, no momento em que os sujeitos sociais passam a entender que é a partir da mediação do desenvolvimento histórico que as lutas de classes proporcionam ao se intensificar. Esse momento pode ser analisado e diferenciado em vários graus que correspondem aos diversos momentos da consciência política coletiva, de acordo,

com as formas de manifestação dos sujeitos históricos no percurso formativo que se apresentam.

A busca pelo processo real da consciência de classe passa a ser o momento em que o proletariado deixa de ser – classe em si e se torna – classe para si e consegue elaborar um projeto político pensando em todas as dimensões e sujeitos que compõe a sociedade, cujo objetivo é conquistar a hegemonia política econômica e social, elevando ao máximo de universalidade do acesso aos bens e serviços produzidos socialmente, principalmente as classes subalternas.

A organização política tende a ocupar um lugar decisivo na conquista da hegemonia das classes subalternas. Para Gramsci os intelectuais e o partido tem papel importante na construção de uma nova cultura, em que a —massa humana não se distingue e não se torna independente por si, sem organizar-se; [...] e não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes [...]. (GRAMSCI, 1978, p. 21).

Esta é a função do intelectual orgânico que se expressa na própria condição dos sujeitos envolvidos diretamente nas ações dos pares no qual passam a materializar as condições das experiências teóricas e práticas proporcionando caminhos mais consolidados das experiências da classe trabalhadora.

Sobre o processo de consciência de classe, passamos a nos aproximar ainda mais das discussões teóricas em torno desta temática. Goldman (1967, p. 197) situa elementos importantes sobre as questões da consciência, pois para ele, há uma:

[...] longa discussão em torno dos problemas do papel ativo da consciência, ou ao contrário, de seu caráter de simples reflexo. Cada uma das teses corresponde parcialmente às teses de Marx. O pensamento de Marx parece ser o seguinte: o indivíduo assim como os grupos humanos, constituem totalidades que não podem ser seccionadas para deles se fazer realidades autônomas. Não há pensamento independente do comportamento ou da afetividade, nem comportamento independente da consciência etc [...] Em última instância, o pensamento, a afetividade e o comportamento de um indivíduo constituem uma unidade coerente e significativa. Mas é necessário acrescentar que quando se trata de indivíduos essa unidade estrutural passa por grande número de mediações cujo sujeito não é, ou o é muito pouco, consciente e, por isso, dificilmente revelável, enquanto que é incontestavelmente mais fácil evidenciar a coerência que rege o comportamento, a afetividade ou a consciência de um grupo social dentro do qual as inúmeras parcelas individuais se anulam mutuamente.

Essas reflexões propostas por Goldman, com base nos escritos de Marx, nos aproximam dos princípios do trabalho associado, que na atualidade, têm sido utilizados nas associações, como base fundamental, advinda desse pensamento, que teve início na Europa, no pós-segunda revolução industrial.

Ao tomar uma determinada teoria somos acometidos a assumir esta como sendo a essencialidade dos elementos de nossas lutas, entretanto, para Lukács (2010) não basta apenas terem um estudo apaixonado sobre a substância humana do homem. Não basta ainda, para que sejam chamados de humanistas, que estudem apaixonadamente o homem, a verdadeira essência da sua substância humana; é preciso também, ao mesmo tempo, que defendam a integridade do homem contra todas as tendências que a atacam, a envilecem e a adulteram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em devida proporção, a classe trabalhadora, foi e ainda está sendo formada e reformada sobre novas possibilidades de enfrentamento com a classe de detém os meios produtivos, mas para que essa experiência possa ganhar força atividade na condição de fazer emergir outra lógica produtiva que diferente da lógica hegemônica no sistema capitalista a classe trabalhadora deveria pensar nas condições de vida coletiva e de participação mais intensa nos espaços de decisões que impactam a vida em sociedade.

Ainda há no imaginário de grande parte da população mundial de que o trabalhador assalariado encontra-se em condições de dependência do patrão pela lógica criada por este sistema da oferta e da procura, pois com as crises econômicas mundiais os postos de trabalhos tende a redução e mais trabalhadores precisam de um patrão para ser subjugado. O não reconhecimento de que é o patrão que depende dele para sua empresa produzir faz com que a lógica se inverta e dificulta o trabalhador entrar na condição de se reconhecer como classe e se individualiza por meio da concorrência por determinado posto de trabalho.

Porém, alguns episódios ocorridos na Inglaterra nos séculos XIX e XX e narrados por Thompson, fazem emergir a reflexão sobre a potencialidade que a classe trabalhadora pode desencadear quando pela experiência de luta se reconhece como um corpo coletivo e não apenas como um indivíduo lutando contra todo um sistema, arquitetado para manter o status quo de determinado grupo social, naquele caso a burguesia industrial.

No Brasil, por se tratar de uma economia de capitalismo periférico há o complicador nos tempos de crise o que acaba por fortalecer ainda mais a alta burguesia que demite grande número de trabalhadores os colocando em condições subumanas e completamente fragilizados quando ao fortalecimento nas lutas de classe.

REFERÊNCIAS

BARBOSA FILHO, Custódio J. **Entre o campo e a cidade: a oferta de Educação Profissional do campo no espaço/lugar de contato.** São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

BARBOSA FILHO, Custódio J.; OLIVEIRA, Edna Castro de. Educação de Jovens e Adultos e Educação do Campo: políticas públicas e os sentidos do direito a educação. **Revista Inter-Ação**, UFG, V. 36, n. 2, Dez. 2011.

IASI, Mauro Luís. **Ensaio sobre a consciência e emancipação.** 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

_____. **As metamorfoses da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento.** 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história.** 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.

_____. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 8ª edição. Rio de Janeiro-RJ: Civilização Brasileira, 1991.

_____. **A questão meridional.** Trad. Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Maquiavel, a política e o Estado moderno.** Trad. Luiz Mário Gazzaneo. 7ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

_____. **Cadernos do cárcere**, volume 2 / Antonio Gramsci; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. - 2ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Miséria da filosofia: resposta à filosofia da miséria do sr. Proudhon.** Tradução José Paulo Netto. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MATUCCELLI, Danilo. **Gramáticas del individuo.** - 1ª ed. - Buenos Aires: Losada, 2007.

PERISSINOTTO, Renato Monseff. **O 18 Brumário e a análise de classe contemporânea.** In: Lua Nova, São Paulo, 81-121, 2007.

SADER, Eder (org.). **Che Guevara: política.** 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade.** 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

_____. **A formação da classe operária inglesa: a maldição de Adão.** 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012a.

_____. **A formação da classe operária inglesa: a força dos trabalhadores.** 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012b.

_____. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade.** 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.